

Editor: Landro Oviedo



www.landrooviedo.com



www.landrooviedo.com

Número 21
Outubro/2013
Contatos:
(51) 4100-0040
landrooviedo@uol.com.br
Colaboração: R\$ 1,00
Porto Alegre-RS

“O significado de uma palavra é seu uso na linguagem.” (Ludwig Wittgenstein)

Caderno de notas

* **ESTRADAS** - Como a RBS (afiliada da Globo) não prega prego sem estopa, fica a pergunta sobre a verdadeira motivação para uma série de reportagens mostrando as péssimas condições das estradas no Estado. Até onde se sabe, eles sempre foram a favor dos pedági- os (devem estar com saudades anteci- padas), que levaram grandes quantias dos usuários e nunca melhoraram nem duplicaram as vias pedagiadas.

* **BOLADA SEGURA** - Há uma orga- nização não governamental que está solicitando doações sob o pretexto de salvar vidas no trânsito. Se salva ou não vidas, como as estatísticas são to- talmente discrepantes e manipuladas, há muitas dúvidas. Mas sobre o fato de que ajuda a aprovar leis meramen- te arrecadatórias que fazem a alegria dos governos há uma clareza solar.

* **PLANOS DE SAÚDE** - Não dá para aceitar a convivência do Congresso e do governo de Dilma “Ruimsseff” com os planos de saúde. É um abuso o reajuste por idade, principalmente quando o conveniado chega aos 59 anos. Ora, a Constituição Federal proíbe a discrimi- nação por idade. Será que ela só vale quando defende as empresas? Quando é a hora de aplicá-la em prol dos con- sumidores, as autoridades de plantão fazem ouvidos de mercador.

* **PALAVRA BEM DITA** - Há alguns dias, lembrei-me de uma palavra que ouvia muito na adolescência e depois nunca mais: “lambisgoia”, agora sem acento. A lambisgoia é uma mulher antipática, pessoa feia ou introneta ou, ainda, excessivamente magra. O mundo das palavras tem vida própria. (Landro Oviedo)

CURSO BÁSICO DE
PORTUGUÊS

Prof. Landro Oviedo

✓ Concursos
✓ Vestibular
✓ Aperfeiçoamento

☎ 3227-6065 / 9201-3065
www.cursodeportugues.zip.net

Nova turma de Português com inscrições abertas.

www.cursodeportugues.zip.net



Salvem os plurais!
www.landrooviedo.com

Governo e Congresso continuam a tratar os índios como párias

As elites deste país já colocaram muito do seu lixo para debaixo do tapete da história. E muito sangue, suor, dor e lágrimas foram desconsiderados para que eles conseguissem dar forma a um país injusto e pilhado por seus interesses econômicos. Nunca houve

o menor pudor em destinar aos insurgentes contra esse estado de coisas as piores penas e castigos, como a perda da vida, as perseguições, os exílios e as masmorras, como fizeram com João Cândido, Frei Caneca e Antônio Conselheiro, entre muitos outros, alguns hoje esquecidos pela memória ingrata e instável dos vivos.

Agora, depois de extermínios seculares, novamente eles tentam, governo e Congresso, manter os índios no mesmo sistema de dominação, espoliando-os e tomando suas terras para o agronegócio. A bancada ruralista, formada pela senadora Kátia Abreu e pelos deputados federais Ronaldo Cai-

ado e Luis Carlos Heinze (PP-RS), entre outros, querem tirar do Poder Executivo, que já não faz muita coisa em defesa das áreas indígenas, a prerrogativa da demarcação por meio de uma Proposta de Emenda à Constituição (PEC). Certamente, para que os

índios só recebam suas terras quando vigorarem as calendas gregas.

Felizmente, os índios, percebendo a gravidade de essas demarcações ficarem a cargo desses verdadeiros grileiros da agropecuária, foram à luta e tomaram Brasília. A linguagem

da mobilização é a única que essa elite espoliadora entende. O governo petista mostra-se omissivo e os ruralistas avançam afoita e criminosamente no vácuo. Mas os povos indígenas estão vigilantes para defender as terras de seus antepassados e que deverão ser continuamente repassadas para netos e bisnetos até o fim dos tempos.



Índios lutam por suas terras

PSB e Marina: o mesmo saco de maldades

Muito da desilusão das pessoas com a política como forma de interferir na gestão pública e na fiscalização de como é gerido o erário e a estrutura governamental e legislativa se deve a uma estratégia bem sucedida da classe dominante. Ela é uma classe só, mas tem muitos partidos, o que confunde a população, e faz com que ela sempre tenha alternativas de poder. Agora mesmo, estamos presenciando as elites com um plano B, para o caso de Dilma “Ruimsseff” não emplacar um novo mandato, além, claro, do plano C de sempre, que são os tucanos.

Vejamos o seguinte: o PSB, de Eduardo Campos, e a ex-senadora Marina Silva, por quase uma década ou mais, tiraram proveito do governo petista, com CCs, boquinhas e benesses inerentes a uma elite governista. Ocorre que Dilma “Ruimsseff”, que tinha um apoio enorme nas pesquisas do sempre

suspeito Ibope, andou perdendo pontos nos levantamentos. Até então, o PSB e a própria Marina, até pouco tempo, nunca cogitaram a aliança como alternativa. Ocorre que é preciso ter uma carta na manga e eles, que gostam de cargos como criança gosta de doces, se uniram para oferecer seus serviços para a burguesia brasileira no caso de Dilma ter a reeleição ameaçada. Simples assim.

A questão toda é se o povo vai perceber essa manobra e votar em partidos realmente comprometidos com seus interesses ou vai de novo embarcar numa canoa furada e eleger seus inimigos de classe para cuidar do que deveria ser seu. Tudo pode acontecer. Até lá, o importante é continuar nas ruas, mobilizado, até porque eleição, compradas pelas grandes corporações brasileiras e internacionais, nunca mudou nem vai mudar a vida de ninguém.

www.landrooviedo.com

A necessária reciclagem da imprensa escrita

Com a informação circulando em abundância hoje na Internet, o que pode levar o amigo leitor a pagar pela assinatura de um jornal ou de uma revista? Na verdade, não é o fato de existir um noticiário "gratuito" um empecilho, porque, salvaguardadas as proporções, ele sempre existiu, representado pelo rádio e pela TV. Mesmo com a competição dessas mídias, os jornais sempre tiveram seu espaço, inclusive com grandes tiragens. Assim, não obstante as redes sociais e os portais de notícias constituírem um paralelo como forma de prestar as informações, o leitor já tem um histórico de pagar um exemplar ou fazer uma assinatura mesmo no tempo em que outros veículos lhe traziam a informação ainda que ele, diretamente, não despendesse um centavo.

A princípio, parece que a concorrência dos jornais se dá com eles mesmos. É preciso investir mais em opinião livre e fundamentada e, também, correr o risco de desagradar algum anunciante para ficar de bem com o leitor. Afinal, não há nada hoje que possa ser varrido para debaixo do tapete, pois sempre o fato e, principalmente, a versão, acabam vindo a público. Foi-se o tempo em que se podia agradar ao anunciante por não publicar algo e não despertar contrariedade no leitor porque ele não ficava sabendo desse procedimento. Os tempos são outros. Não dá para fazer como num período recente em que não passava uma linha de crítica às operadoras de celular enquanto o Judiciário estava abarrotado de demandas por maus serviços. Essas páginas compradas pelas empresas de

celular deram muito lucro no curto prazo, mas, num tempo mais largo, saíram muito caro pela perda de credibilidade. Os leitores não conseguiram exprimir seu descontentamento na maioria dos jornais do país e perceberam claramente o conluio. Ruim para todos, principalmente para o jornalismo impresso.

É claro que há um espaço para os jornais porque eles podem ser o meio de organizar a informação, com a notícia tendo a credibilidade que não há em outras fontes. Para isso, precisa-se de uma equipe e, nesse ponto, o jornal pode cumprir a função de sistematizar a notícia, fornecendo uma visão precisa do que ocorreu, principalmente de suas implicações posteriores. Num tempo em que a manchete do dia seguinte já chega consabida, é preciso achar ângulos novos do fato.

MÚSICA GAÚCHA

Noel Guarany: 15 anos sem o pajador missioneiro

No Recital de Luna Park, em 1984, que marcou sua volta à Argentina logo após o exílio, em seu discurso, Horacio Guarany reafirma por que as elites dominantes temem tanto um cantor com "su guitarrita". Em verdade, ele e Noel Guarany sempre compreenderam muito bem porque o canto popular responde de forma certa às necessidades de entendimento do povo, que vive cercado de uma arte mistificadora e ideologizada a favor do sistema vigente.

No último dia 6 de outubro, fez 15 anos da morte de Noel Guarany, o precursor, o menestrel, o pajador da música missioneira e folclórica. Foi ele o descortinador das canções que resgataram as raízes dos guaranis e dos aldeamentos missioneiros exterminados pelo conluio entre Portugal e Espanha em terras que antes foram dos povos jesuítas nos territórios que hoje são Paraguai, Argentina, Uruguai e o Estado do Rio Grande do Sul.

Por seu canto de denúncia, que também envolvia as condições de vida dos peões de estância, explorados pelos estancieiros, ele foi perseguido, preso e interrogado pela Polícia Federal. Mais do que criticar um

passado, sua crítica contundente mostrava os efeitos de odiosa discriminação sobre os deserdados da sorte, muitas vezes transformados em párias da sociedade, como os índios, condenados a sobreviver vendendo cestos nas grandes cidades depois de terem sido os donos das terras.

Mas nem somente de consciência social era feita a arte de Noel Guarany, o que já é muito num país em que os

cantores gostam de bajular os detentores do poder, com honrosas exceções. Sua guitarra era sonora como os rios, os pássaros e os ventos do pampa, suas melodias eram matizadas com a originalidade dos gênios, suas palavras eram cantadas com uma voz de timbre único e sua figura no palco arrebatava todos os corações. Eu assisti a um show de Noel Guarany em Passo Fundo, nos anos 80, organizado pelos estudantes, eu entre eles, e pude constatar que ele era tão grande ao vivo como sua lembrança é hoje na memória coletiva. Obrigado, Noel Guarany, por cantar com compromisso, por cantar para o povo, por cantar para quem te merecia ouvir. Teu canto paira entre nós como uma estrela viva na boina da noite para continuar a instigar a luta pelo fim das mazelas sociais. (Landro Oviedo)



Noel Guarany, pajador e guitarrero

O que disseram dele

Depois de percorrer, com sua guitarra crioula, vários países da América mestiça e Índia, Noel Guarany miscigenou antigas sonoridades e timbres do cancionero guaranítico missioneiro com a aculturação de ritmos platinos (sobretudo argentinos, uruguaios e paraguaios) e fermentou esse bolo musical que é a música missioneira. (...) O Rio Grande do Sul e as Missões têm uma dívida impagável para com Noel Guarany. (João Sampaio, poeta e compositor, parceiro de Noel Guarany em muitas obras musicais)

Noel Guarany morou em Passo Fundo. A ideia era criar um parque turístico dedicado ao gaúcho. Coordenou a construção de uma churrascaria típica, onde hoje é o Parque Turístico da Roselândia, mas as coisas não deram certo. Conversamos várias vezes, pois tínhamos uma visão bastante parecida sobre o tradicionalismo. Noel era um inconformado com a carnavalização da cultura rio-grandense, que é muito mais vasta do que a visão tradicional e recente do tradicionalismo apresente hegemonicamente. Resumia seu pensamento e sua indignação numa frase: "CTG é escola de samba de bombachas". (Paulo Monteiro é escritor e patrono da 27ª Feira do Livro de Passo Fundo-RS. Preside a APL).

Noel Guarany gostou quando cantamos suas músicas e aprovou que as gravássemos quando quiséssemos. Assim o fizemos, deixando registrado em nossos LPs três de seus sucessos. Em nosso primeiro disco, ele estava presente nos estúdios da Isaac, auxiliando-nos e ouvindo as gravações. (Clary Costa é cantora e integrou o grupo Os Fronteiriços)